

REFLEXÕES PARA UMA UNIVERSIDADE TRANSCULTURAL: DIÁLOGOS A PARTIR DA PERSPECTIVA DECOLONIAL

Fábio Zambiasi
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)
fabiozambiasi@hotmail.com.br

Marlize Rubin-Oliveira
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)
rubin@utfpr.edu.br

INTRODUÇÃO

Estas reflexões têm como foco a diversidade epistêmica na universidade. O objetivo é refletir sobre a transformação da universidade em um lugar transcultural, onde diferentes modos de produzir conhecimentos possam se inserir, coexistir e dialogar entre si. Para tanto, utilizou-se do exercício teórico como caminho metodológico. Trata-se de um recorte de um projeto mais amplo, iniciado em 2020, no contexto do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), inserido nos estudos do Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU).

A universidade moderna/colonial é uma instituição que estrutura seu modo de pensar e de produzir conhecimentos a partir do paradigma da racionalidade científica da ciência moderna. Sendo assim, a universidade reproduz e legitima em seu interior as perspectivas hegemônicas e excludentes do ocidente, entre as quais o racismo e o sexismo epistêmico.

Diante disso, a decolonização da universidade se constrói como possibilidade para promoção de uma universidade outra, apontada aqui como uma universidade transcultural. Esta, ao ser orientada pelo diálogo de saberes, permite o desprendimento de padrões modernos/coloniais, bem como do racismo e do sexismo epistêmico.

UNIVERSIDADE MODERNA/COLONIAL

A universidade moderna/colonial é uma instituição que tem origem em países ocidentais e que se constitui a partir da modernidade/colonialidade. Sendo uma criação específica do ocidente, a universidade traz em seu interior o

desenvolvimento da ciência e da racionalidade científica como propósito da educação universitária.

A modernidade/colonialidade tem seu início marcado no século XV, com a expansão colonial da Europa e consequente colonização da América. A partir de então, a Europa se impõe como o centro da história mundial, autodesignando-se como o único mundo civilizado e racional, e impondo os padrões hegemônicos e excludentes do ocidente sob todos os demais povos e regiões do mundo (DUSSEL, 2005).

Com a modernidade/colonialidade, a ciência moderna se universaliza como a única racionalidade capaz de produzir verdades incontestáveis, utilizando-se, para isso, de seus métodos e instrumentos de quantificação, fragmentação e redução da complexidade. Como consequência, conhecimentos populares e tradicionais, por não adotarem o mesmo método científico, foram designados como conhecimento prático e não científico, sendo então inferiorizados e excluídos da estrutura de produção de conhecimentos (SANTOS, 2006).

Dentro desse contexto, estrutura-se a universidade como uma instituição que privilegia e legitima a episteme do conhecimento ocidental. Segundo Grosfoguel (2016), as universidades idealizam e conformam um cânone de pensamento no qual a racionalidade se encontra no homem branco ocidental. Com isso, os modos de interpretar a realidade e de produzir conhecimentos provenientes de visões, cosmologias, e epistemologias não ocidentais, bem como de homens não ocidentais, e mulheres, tanto ocidentais quanto não ocidentais, foram epistemologicamente excluídos da estrutura de conhecimento da universidade. Assim, diante da desigualdade racial e sexual estabelecida, a universidade passa a internalizar um modo racista e sexista de produzir conhecimentos.

Considerando a necessidade de desprender-se desses padrões modernos/coloniais, enraizados na universidade, na próxima seção busca-se refletir sobre a decolonização da universidade, assim como da transformação da universidade em um lugar transcultural.

DECOLONIZAR A UNIVERSIDADE: REFLEXÕES PARA UMA UNIVERSIDADE TRANSCULTURAL

A decolonização da universidade se constrói como uma possibilidade, entre outras possíveis, para a promoção de uma universidade outra, apontada neste texto

como uma universidade transcultural. Esta, ao desprender-se do racismo e do sexismo epistêmico, possibilita que diferentes modos de produzir conhecimentos possam dialogar e coexistir dentro do mesmo espaço universitário.

Para tanto, a perspectiva decolonial tem sido fundamental em propor desprendimentos de padrões modernos/coloniais constituídos por epistemes e paradigmas hegemônicos, bem como para o desprendimento de macronarrativas ocidentais (MIGNOLO, 2017). Castro-Gómez (2007) destaca que a decolonização da universidade se constrói como caminho para o desprendimento do racismo e do sexismo epistêmico presente dentro da sua estrutura. Segundo o autor, a universidade obedece a um modelo epistêmico, denominado “hibridez do ponto zero”, o qual reproduz os princípios e regras da ciência moderna, bem como legitima a episteme hegemônica ocidental. Em vista disso, o teórico aponta o pensamento complexo, a transdisciplinaridade e o diálogo de saberes como possíveis caminhos para decolonizar a universidade, rumo à promoção de uma universidade transcultural onde *“diferentes formas culturales de producción de conocimientos puedan convivir sin quedar sometidos a la hegemonía única de la episteme de la ciencia occidental.”* (p. 87).

Diante disso, o pensamento complexo, ao aceitar a complexidade da realidade, permite rearticular aspectos físicos, culturais, sociais, espirituais e psíquicos que foram fragmentados pelas disciplinas, categorias cognitivas e tipos de conhecimento. Por sua vez, a transdisciplinaridade surge como possibilidade de transcender separações dicotômicas, permitindo o diálogo entre conhecimento científico e senso comum, entre corpo e mente, entre natureza e cultura, entre sujeito e objeto, etc. Da mesma forma, o diálogo de saberes abre possibilidades para que diferentes formas culturais de conhecimento, oriundas de diferentes sujeitos e lugares epistêmicos possam dialogar entre si.

Dessa forma, mediante Castro-Gómez (2007), a promoção de uma universidade transcultural leva em conta, ao menos, o favorecimento da transdisciplinaridade e da transculturalidade. Assim, através da transdisciplinaridade abrem-se possibilidades para transcender dicotomias e lógicas excludentes enraizadas na universidade, possibilitando uma lógica inclusiva e dialógica. Por sua vez, a transculturalidade permite reestabelecer diálogos, dar visibilidade e legitimidade a diferentes modos culturais de interpretar a realidade, de pensar e de

produzir conhecimentos que foram inferiorizados e excluídos do espaço universitário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A universidade moderna/colonial, ao estruturar-se com base na racionalidade científica da ciência moderna, privilegia epistemicamente os conhecimentos ocidentais, ao mesmo tempo em que deslegitima conhecimentos produzidos a partir de sujeitos e de lugares epistêmicos não hegemônicos, como do Sul global. Dessa forma, em seu modo de produzir conhecimentos, a universidade consolida o racismo e o sexismo epistêmico.

Diante disso, decolonizar a universidade é uma necessidade e uma possibilidade para transformar a universidade em um lugar transcultural. Para tanto, o diálogo de saberes permite estabelecer pontes entre diferentes sujeitos e lugares epistêmicos, bem como de seus modos de interpretar a realidade, de pensar e de produzir conhecimentos. Assim, a universidade transcultural, livre do racismo e do sexismo epistêmico, pode transformar o espaço universitário, como também contribuir para transformações sociais mais amplas.

REFERÊNCIAS

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Decolonizar la universidad: la hybris del punto cero y el diálogo de saberes. *In*: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (comp.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 79-91. Disponível em: <http://www.unsa.edu.ar/histocat/hamoderna/grosfoguelcastrogomez.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2021.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 24-32. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lander/pt/lander.html>. Acesso em: 1º ago. 2021.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 25-49, abr. 2016.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>. Acesso em: 27 jul. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.